

POSSÍVEIS LEITURAS DO AMOR EM *FOLHAS CAÍDAS*, DE ALMEIDA GARRETT
POSSIBLE LOVE'S READING IN *FOLHAS CAÍDAS*, BY ALMEIDA GARRETT

¹Lilian Regina Peroni GRECCO

RESUMO: *Folhas Caídas*, considerada a obra de mais perfeito e completo caráter romântico garretiano, traz um salto em relação à poesia árcade; a agilidade e simplificação na hora de compor os versos são típicos traços românticos, porém o amor tratado pelo autor se mostra em uma vivência experimentada, algo vivido e transposto aos versos, diferente do amor idealizado e sentido dos românticos. A diferenciação entre um "eu" que se mostra e um que aparenta mostrar-se são os pontos principais do trato amoroso que será abordado nas *Folhas Caídas*.

PALAVRAS CHAVE: Almeida Garrett, poesia, Romantismo, amor, racionalismo clássico.

ABSTRACT: *Folhas Caídas*, considered labor besides perfect and complete character romantic of Garrett, bring a jump in relation to the classic poetry; the activation and simplicity in the hour to compose the toward them is typical romantic lines, however the love treated by the author whom it is shown in an experienced existence, something lived and transposed to verses, different of the idealized love and sense of the romantic. Differentiations among a "me" that it is shown and a that pretends exposes them is the main points of the loving treatment that will be approached in the *Folhas Caídas*.

KEY WORDS: Almeida Garrett, poetry, Romanticism, love, classic rationalism.

Introdução

O período romântico foi introduzido em Portugal por Garrett no ano de 1825, com a publicação de *Camões*, que revolucionou os alicerces da poesia portuguesa, de um país que foi o último dos europeus a se inserir no período. A obra traz a clara contribuição do poeta pela modernização e simplificação da linguagem. Anos mais tarde publica *Folhas Caídas*, considerada sua obra de mais acentuado caráter romântico, que traz um lirismo sem dúvida pautado pelo amor; porém o "eu" masculino aponta diferentes vertentes de manifestação lírica, seja pela diva inspiradora (acreditava ser a

¹ Graduada em Letras pela União das Instituições Educacionais de São Paulo (UNIESP - Ribeirão Preto). Título da pesquisa: Fronteiras entre Arcadismo e Romantismo na Poesia de Almeida Garrett. Email: lilianperonigrecco@ig.com.br

Viscondessa da Luz) ou pelo amor como sentimento de mágoa, dor, ou ainda pela incapacidade de corresponder ao amor que lhe é dirigido.

Massaud Moisés, ex-professor titular da universidade de São Paulo e um grande pesquisador da área literária, autor de alguns dos mais abalizados estudos publicados no Brasil no campo da crítica e da historiografia, mostra-nos uma visão que poucos estudiosos da literatura portuguesa apresentam: reconhece que *Folhas Caídas* possuem a confissão amorosa, que o poeta narciso e ególatra se dirige para dentro de si, que há uma mulher inspiradora de paixão ardente; porém Massaud ressalta ainda que a porção arcádica embutida dentro de todo esse lirismo amoroso corresponde ao à-vontade do poeta, que é relativo, exaltando ainda a contensão de origem arcádica ou o dom de pensar dialeticamente o sentimento poético. Características essas que mostram uma dualidade importante entre o sentimento poético do autor em *Folhas Caídas*. Além de uma sempre constante transfiguração amorosa, que coloca o eu lírico em posições diferentes.

I - Uma transfiguração amorosa em distintas dimensões

Na maior parte dos poemas de *Folhas Caídas* o "eu" sofre, em primeiro grau, por consequência de um amor que sente por outra pessoa, que nunca vai chegar a compreender. Há também um segundo grau que transporta o eu lírico a um terrível remorso sentido pelo fato de não poder corresponder à pessoa que o ama, e sofre por abusar friamente dos sentimentos dessa outra pessoa, não merecendo qualquer perdão por tal ato perturbador. Aqui estão evidenciadas duas das diversas transfigurações amorosas existentes na obra. Para a observação do sentimento de culpa descrito por um eu lírico incapaz de qualquer reciprocidade, observamos o seguinte trecho da referida obra poética no poema II "Adeus".

Adeus!, para sempre adeus!,
Vai-te, oh!, vai-te, que nesta hora
Sinto a justiça dos Céus
Esmagar-me a alma que chora.
Choro porque não te amei,
Choro o amor que me tiveste;
O que eu perco, bem no sei,
Mas tu... tu nada perdeste:
Que este mau coração meu
Nos secretos escaninhos
Tem venenos tão daninhos
Que o seu poder só sei eu.

(1955, p.71)

Em "Quando eu sonhava", Garrett insere um eu lírico diferente, possuidor de uma posição de amante, que sofre por amar uma mulher fugidia, que já não está presente neste amor da mesma maneira que ele se mostra:

Quando eu sonhava, era assim
Que nos meus sonhos a via;
E era assim que me fugia,
Apenas eu despertava,
Essa imagem fugidia
Que nunca pude alcançar.
Agora, que estou desperto,
Agora a vejo fixar...
Para quê? - Quando era vaga,
Uma idéia, um pensamento,
Um raio de estrela incerto
No imenso firmamento,
Uma quimera, um vão sonho,
Eu sonhava - mas vivia:
Prazer não sabia o que era,
Mas dor, não na conhecia...
(1955, p. 73)

Claramente o poeta agora conhece a dor, porque a imagem se fixou e não se faz mais fugidia, sai do escapismo romântico, e mais: há uma nova dimensão amorosa claramente transposta; ao longo do poema, Garrett nos remete a uma posição de desejo, oscilando a mais uma vertente amorosa. Há também a porção fatalista desse amor, em um âmbito nada romântico; a sua atitude fatalista admite então que o curso da vida humana está em determinado grau, ou sentido previamente fixado, sendo a vontade ou a inteligência impotentes para dirigir ou alterar esse fatalismo; o que se destaca aí é o seu lado racional, lógico, que chega até a demasiadas conclusões.

Em *Folhas Caídas*, no poema "Não és tu XXII", poema do livro primeiro, o amor fatalista mostra uma postura em que o amante não passa de um sofredor caído e condenado, sem clemência. O amor romântico o envolve, porém cerceado por uma atmosfera racional de pesares, apontamentos e desapontamentos, conclusões e alternativas. Em determinados momentos o eu lírico tenta desfazer o ser amado, geralmente idealizado dos apaixonados, narcisistas que visualizam o outro como lhes convém.

O poeta usa da razão, dizendo que a amada antes tinha coração, então essa não deve ser sua amada, porque agora ela não o possui mais, isso o "eu" lírico já não sente,

ou não quer sentir; quer se iludir para não sentir, ou se colocar numa postura de lucidez, não se deixando levar pelas aparências e idealizações que lhe podem enganar, atitude essa de extrema racionalidade:

Era assim, tinha esse olhar,
A mesma graça, o mesmo ar,
Corava da mesma cor,
Aquele visão que eu vi
Quando eu sonhava de amor,
Quando em sonhos me perdi.
Toda assim; o porte altivo,
O semblante pensativo
Que por toda ela descia
Como um véu que lhe envolvia,
Que lhe adoçava a beleza.
Era assim o seu falar,
Ingênuo e quase vulgar,
Tinha o poder da razão
Que penetra, não seduz;
Não era fogo, era luz
Que mandava ao coração.
Nos olhos tinha esse lume,
No seio o mesmo perfume,
Um cheiro a rosas celestes,
Rosas brancas, puras, finas,
Viçosas como boninas,
Singelas sem ser agrestes.
Mas não és tu... ai!, não és:
Toda a ilusão se desfez.
Não és aquela que eu vi,
Não és a mesma visão,
Que essa tinha coração,
Tinha, que eu bem lho senti.
(1955, p. 76)

A respeito do narcisismo presente no poema, José Gomes Ferreira, no prefácio de *Folhas Caídas*, aponta a seguinte opinião: "Garrett amava-se a si mesmo, mais nada". (1955, p. 5).

Existe ainda um desencanto marcante; em face deste desencanto, chega-se a acreditar que toda a conjectura de vinculação desaparecera. Nos últimos poemas de *Folhas Caídas* encontramos sinais explícitos da forte atração física, e exclusivamente carnal, entre o sujeito e a mulher que desperta tais sentimentos no mesmo. Essa união entre ambos liberta-se do plano metafísico, associada ao amor romântico, partindo para uma dimensão erótica. É como se ambos se mostrassem como seres incapazes de amar,

dedicados somente ao desejo. É o que mostra o poema XXI, o mais lúcido da obra "Não te amo":

Não te amo, quero-te: o amar vem d'alma.
E eu n'alma - tenho a calma,
A calma - do jazigo.
Ai!, não te amo, não .

Não te amo, quero-te: o amor é vida.
E a vida - nem sentida
A trago eu já comigo.
Ai!, não te amo, não.

Ai!, não te amo, não; e só te quero
De um querer bruto e fero
Que o sangue me devora,
Não chega ao coração.

Não te amo. És bela, e eu não te amo, ó bela.
Quem ama a aziaga estrela
Que lhe luz na má hora
Da sua perdição ?

E quero-te, e não te amo, que é forçado
De mau feitiço azado
Este indigno furor .
Mas oh!, não te amo, não.

E infame sou, porque te quero; e tanto
Que de mim tenho espanto,
De ti medo e terror...
Mas amar... não te amo, não.
(1955, p. 60)

Assim se mostra mais uma das várias transfigurações amorosas da obra poética mais romântica de Almeida Garrett. A respeito do poema, Massaud Moisés expressa a seguinte opinião, em *A literatura portuguesa através dos textos*:

Repare-se, porém, que o à-vontade do poeta é relativo: uma contensão, de origem arcádica, ou o dom de pensar dialeticamente o sentimento poético ("Não te amo, quero-te"), coarta a manifestação integral do sentimento subjacente no poema, ou dele motivante. Tem-se a impressão de que o poeta pensa o sentimento experimentado *realmente* com a Viscondessa da Luz, em vez de pensar o sentimento *depois* que a imaginação o transfundiu em arte: seus poemas *narram* experiências vividas, em lugar de *sugerí-las* transfiguradas pela ficção. Daí certa "pose" e a sensação de que, para Garrett, a poesia constituía simples instrumento de conquista amorosa. Na verdade, Garrett vale mais pela revolução *formal* que instalou com

suas poesias, que pelos achados de substância ou modos de ver o mundo e os homens. (2000, p. 254; grifos do autor).

O importante é salientar até que ponto os poemas de *Folhas Caídas* promovem uma nova atmosfera, onde o amor apenas sobreviva como melancolia do que já não voltara, ou como algo pulsante e quase enfurecido, desejanste de união sexual.²

Os elementos utilizados pelo "eu" do poeta ao descrever suas aflições amorosas por toda obra poética são, em suma, concretos, ou seja, exteriores a ele.

Nota-se então uma riqueza de componentes externos, estes são citados para exemplificar o que o seu "eu" agora interior sentira, o que esse "eu" quer transmitir, dando vida aos sentimentos interiores. A riqueza de constituintes externos, no entanto, se sobressai, formando assim o sustentáculo de todo desenvolvimento do lado subjetivo do autor em *Folhas Caídas*.

II – O amor relacionado à vivência experimentada

Folhas Caídas é uma obra poética que aborda exclusivamente o fascínio amoroso, o amor desejanste, o amor sublime, o amor confessional, o amor como exclusiva forma de expressão do poeta. Ao abordar a temática amorosa de *Folhas Caídas*, deve-se atentar à postura do eu masculino, que declara seu amor com a sinceridade de quem já o experimentara na sua mais pura vivência. Um "eu" poético que sabe do que fala, que conhece os males e venturas daquilo que transpõe, e por saborear tanto desse amor, já sabe até mesmo suas causas e consequências; uma postura diferente do amor romântico, que imagina primeiro e depois transforma em arte aquilo que sente.

Esse amor garrettiano percorre dois caminhos diferentes, desde seu início, citado anteriormente, e que caracteriza uma de suas maiores distinções em relação ao amor

² O amor desejanste de união sexual é uma constante por toda a obra, há momentos em que Garrett se mostra um autêntico *donjuan*, como se o aprazível do sentimento amoroso fosse a manipulação; mostra-se um poeta que dessacralizava o ato sublime e subjetivo da escrita amorosa pelo sentimento, um homem fatal perante as mulheres. "Frio sarcasmo saí a / De meus lábios descorados, / E sem dó e sem pudor / a todas falei de amor..." (1955, p. 80), porém ao final do mesmo poema ele encontra uma linda mulher que chama a sua atenção pela beleza, e vai a se apaixonar por ela, em uma metamorfose, uma mudança radical, renovadora. "Sei que a vida era outra em mim / Que era outro ser o meu ser/ Que uma alma nova me achei/ Que eu bem sabia não ter". O ápice de seu envolvimento sentimental, afetivo, na obra, sem mensurar, dosar, racionalizar sobre uma mulher que deseja, é neste ponto que podemos observar um dos momentos mais românticos e intrínsecos da lírica de Garrett. Ainda assim não é tocado pela melancolia romântica, é um amor acerca do sentimento sublime dos românticos, mas comedido em suas limitações, porém merece destaque por ser um dos mais intensos, puros e sem qualquer tipo de racionalismo em *Folhas Caídas*.

romântico, como também ao desenrolar dos poemas se mescla, se deixando levar pela emoção dos apaixonados, adquirindo assim características que a princípio não lhe eram atribuídas.

Quando o eu lírico de *Folhas Caídas* adota o tom confessional que perpassa toda a poesia, mostra-nos suas experiências; logo depois de apenas relatar essas experiências, muitas vezes um tom envolvente, aliciante, sedutor, encantador toma conta do poema. É nesse âmbito, nesse ponto que se tem uma semelhança maior com o amor romântico. Temos assim um ciclo que percorre o amor descrito em *Folhas Caídas*, porém é uma obra complexa que vai muito além de apenas dois segmentos capazes de compreender todas as suas características.

O amor existente na experiência afetiva que fora vivenciada também traz oscilações psicológicas como: a dor, a saudade, o ódio, a ternura. São características humanas como estas que servem de base para o desenvolvimento dos poemas. Fica claro que a experiência afetiva, mesmo possuindo características psicológicas, e não apenas carnavais, ainda assim se distancia claramente do amor romântico.

O eu lírico de *Folhas Caídas* se utiliza do amor como uma ferramenta de conquista amorosa, mostrando assim frieza e excessiva descrição, barrando a imaginação. De fato Garrett foi um assíduo leitor dos clássicos, isso fez com que a maior parte da grandeza de sua obra se fragmentasse em experimentação e não em imaginação.

A experimentação torna-se, assim, um fato e não apenas mais uma hipótese em *Folhas Caídas*. A poesia desenvolve-se, portanto, em torno de algo vivido e posteriormente transposto aos versos, atribuindo assim à sua afetividade algo demasiadamente concreto.

Quando me refiro à afetividade concreta, estou fazendo alusão à experimentação; a obra, quase que por completa, mostra as peripécias amorosas vivenciadas pelo “eu” masculino, assim observamos que ele adere, em termos, à estética da espontaneidade.

A seguir, um trecho do poema "Adeus" vem demonstrar uma das faces amorosas do poeta:

Que não te amei nunca... ai!!, não:
E que pude a sangue-frio,
Covarde, infame, vilão,
Gozar-te - mentir sem brio,

Sem alma, sem dó, sem pejo,
Cometendo em cada beijo
Um crime... Ai!, triste, não chores,
Não chores, anjo do Céu,
Que o desonrado sou eu.
Perdoar-me, tu?... Não mereço.
(1955, p. 57)

Aqui o poeta tem a consciência de não ter amado essa mulher, tem a consciência de ter experimentado o corpo e somente o corpo dela, sem deixar que a mesma lhe tenha tocado a alma. A noção de lúcida experimentação é flagrante; além disso, há uma ideia passada muito claramente pelo poeta, a de que não a amou e que suas palavras transmitem fatos vivenciados.

Nota-se, então, um choque de valores e conceitos entre a experimentação e a espontaneidade, como se a confiança não fosse necessidade, mas sim um jogo planejado. Além desses fatores que abreviam o ar poético romântico da obra, deve-se notar que a mesma traz o ponto mais alto da lírica garretiana, um salto quanto a *Camões*, e que agora o literato estava envolvido de uma maneira diferente no período romântico.

Muitas vezes, em *Folhas Caídas*, o eu poético não está tomado pelo frenesi arrebatador, porém tem-se o pico poético em todo o percurso lírico de Garrett; o mais interessante é compreender que ao trazer o amor romântico para sua obra, o autor nos mostra diferentes leituras do mesmo amor, compreendê-las seja talvez tão fascinante quanto desmistificá-las.

A base arcádica do escritor torna sua obra poética até mais única do que nunca, e a partir do momento em que são estudadas as diferentes faces amorosas da mesma, é que se tem ideia disso. O conceito de experimentação traz então uma nova leitura; por Garrett não se preocupar em dosar os excessos de um período literário e de outro, e aqui me refiro ao arcádico e romântico, aprofundou-se tanto na experiência afetiva que fora vivenciada, o homem romântico tinha sua amada como uma mulher idealizada, superior a ele, muitas vezes intocável. Isso trazia a este homem a nostalgia, a agonia de viver em uma realidade um tanto sofrível, elevando-o ao plano de idealização.

O amor que se desenvolve em *Folhas Caídas* traz um amante que experimentou a vivência amorosa ao lado desta mulher, que a descreve com lucidez, racionalidade e até mesmo frieza. Isso explica por que a intensidade subjetiva ficara em segundo plano.

Esta não é uma colocação fantasista nem arbitraria, mas sim ideológica. Era a primeira geração do Romantismo, o racionalismo Iluminista ainda vivia, e o Arcadismo,

como foi o período literário existente dentro do Iluminismo, mostrava-se de certo modo presente, mantendo o literato distante ainda do âmbito onírico, profundo, intenso.

O poeta tinha então uma predileção pela mistura da relação classicismo - romantismo? Além de não ter exemplar algum para seguir (pois era um precursor), Garrett possuía sim esta preferência pela mistura na escrita dos dois movimentos literários, prova disso é o prefácio da primeira edição da peça teatral *Catão*, em que ele fala do gênero romântico segundo a concepção shakespeariana³; mas na terceira edição de *Catão*, citando Goethe, exalta um gênero "misto", que seria a base da poesia dita "moderna".

Todos sabem que o gênero romântico, filho de Shakespeare, formou uma classe distinta e separada, que, suposto irregular e informe, tem contudo belezas próprias e particulares que só nele se acham. Os fundamentos das minhas opiniões literárias ver-se-á que eram os mesmos há dezoito anos; desenvolveram-se, rectificaram-se, mas não mudaram. Já pressentida a idéia de Goethe na última parte do *Fausto*, sobre a combinação do clássico com o romântico que deve produzir e fixar a poesia moderna. (1982, p. 4).

O amor relacionado à experiência afetiva de um “eu” que aparenta mostrar-se atribui seu caráter então ao gosto arcádico e romântico de Garrett, ou clássico e moderno. Essa característica de demonstrar o amor sobre lúcida experimentação está então calcada pelo seu lirismo clássico, e não por inexperiência da escrita romântica, por uma predileção, como mostraram acima suas próprias palavras.

Em *Folhas Caídas*, a predileção arcádica é somada ao tom confessional romântico, contrastes dramáticos entre o ideal da alma e o real do corpo são abordados com frequência. No prefácio da obra, em *Advertência*, Garrett descreve sua temática:

Sei que as presentes *Folhas Caídas* representam o estado de alma nas variadas, incertas e vacilantes oscilações do espírito que, tendendo ao seu fim único, a posse do ideal, ora pensa tê-lo alcançado, ora a ponto de chegar a ele - ora ri amargamente porque reconhece o seu engano - ora se desespera de raiva impotente por sua credulidade vã. (1955, p.7).

³ Shakespeariana, palavra que designa características atribuídas às obras de Willian Shakespeare (1564-1616). Este que foi poeta e ator teatral inglês, considerado um dos melhores dramaturgos da literatura universal. Sua fama atual se baseia nas 38 peças teatrais das que se tem notícia de sua participação. Suas obras continuam a ser representadas e são uma fonte de inspiração para numerosas experiências teatrais, pois comunicam um profundo conhecimento da natureza humana. Conhecido como o maior escritor de todos os tempos da literatura inglesa ditou moldes e regras, estilos e pensamentos, influenciando assim escritores das diversas literaturas de todo o mundo.

Apesar de Garrett declarar que *Folhas Caídas* mostram oscilações frequentes de espírito, há aqueles escritores do Romantismo que acreditam que o homem romântico é incapaz de transpor em suas palavras o que sente pela mulher amada num momento de confusão mental, ansiedade exacerbada, tristeza profunda ou qualquer outro estado de devassidão perturbador do estado de lucidez consciente deste homem.

Como Willian Wordsworth⁴, que tem sua opinião mostrada claramente no livro *Curso de Literatura Inglesa*, de Jorge Luis Borges:

A poesia nasce na emoção recordada na tranquilidade. Imaginemos um tema dos que falei: um homem que é abandonado pela mulher que ele ama. Nesse momento o homem pode se entregar ao desespero pode procurar a resignação pode tratar de se distrair, pode procurar o álcool, ou o que for. Mas seria muito estranho que se sentasse para escrever um poema. Mas passa um tempo, um ano digamos. O poeta está mais serenado então lembra tudo o que lhe aconteceu, isto é, revive a emoção. Mas dessa segunda vez ele não é apenas um autor que recorda exatamente o que sofreu, o que sentiu, quanto se desesperou, mas um espectador também, um espectador de seu próprio pretérito. (2006, p. 174).

O eu lírico de *Folhas Caídas* foi sem dúvida um espectador de seu próprio pretérito, ao escrever seus versos românticos de maneira tão serena.

É por este motivo que seu lirismo toma o rumo da experimentação, e muitas vezes de um lirismo arquitetado, experimentado; o mesmo Garrett não poderia estar tomado de um momento de paixão angustiante, confusão mental quando os compôs, e a concepção trazida por Willian Wordsworth é muito pertinente e relevante ao âmbito amoroso aqui estudado. Características como estas não desmerecem o amor de *Folhas Caídas*, só servem para sobressaltar que o campo de atividade do autor, na maioria de seu lirismo, é o carnal, sensual, lascivo, concupiscente.

No interior de *Folhas Caídas* há também poemas que trazem o amor sublime, que não abordam o lado carnal, e do amor vivenciado; porém são claramente dispostos em menor número. Seria então este âmbito o apontado por muitos estudiosos para descrever tais versos como o ápice do subjetivismo poético de Almeida Garrett? As idéias aqui explicitadas acreditam que sim, e mais, Garrett foi um genial escritor de

⁴ Willian Wordsworth (1770 - 1850), poeta inglês cujo estilo e teorias renovam a literatura inglesa, foi um dos mais influentes escritores do romantismo de seu país. Em colaboração com o amigo e também poeta Samuel Taylor Coleridge, escreveu o livro *Baladas líricas* (1798), precursor das inovações poéticas do século XX, e marca inicial do Romantismo na Inglaterra.

lascivos versos, genial em descrever, em montar cada uma das linhas constitutivas de seus poemas ao redor da sedução. Um bom exemplo nota-se na leitura de "Aquele Noite":

Quantas mulheres tão belas
Ébrias de amor e desejos,
Quantas vi saltar-lhe os beijos
Da boca ardente e lasciva!
E eu, que ia chegar-me a elas...
Para logo a frente esquiva
De recatos se envolvia
E, toda pudor, tremia.
Quantas o seio anelante,
Nu, ardente e palpitante
Andavam como entregando
À cobiça mal desperta,
Gasta já e desdenhosa,
Dos que as estavam mirando
Com vaga luneta incerta
Que diz: "Aquele é formosa,
Não se me dava de a ter.
E esta? É só baronesa,
Vale menos que a duquesa:
Não sei a qual atender."
(1955, p. 8).

O lado sensual do poeta, aqui claramente descrito, dá ênfase à experiência amorosa pautada pela lucidez de sua poesia. Não que Almeida Garrett tivesse vivenciado todas estas aventuras amorosas, mas escreve os versos com a temática de um amor que foi vivenciado, que foi sentido, embasando sua poética nas experiências de um homem que obteve sensações, que passou por experiências e delas subtraiu o que temos na obra. Isso não significa que este homem seja o próprio literato, mas sim que a temática da obra em questão trata de fatos experimentados, vividos e transfundidos em versos. O "eu", não idealiza, é tomado por um amor que é sedução, tem a razão como fragmento presente e o desejo como uma constante, um homem cobiçador, *bon-vivant*, viril e sedutor, porém sabe com qual mulher agir desta maneira, ele as escolhe, mostrando que têm muitas para partilhar; e pelo modo como descreve o comportamento das mesmas, mostra ao leitor que elas não se importam de se mostrarem para aquele que estiver disposto a se aventurar junto delas, como descreve este outro trecho do mesmo "Aquele Noite":

Frio o sarcasmo saía
De meus lábios descorados,
E sem dó e sem pudor

RERERÊNCIAS

BRAGA, T. **História do Romantismo em Portugal I**. Lisboa: Nova Livraria Internacional, 1880.

_____. **História do Romantismo em Portugal II**. Lisboa: Editora Edições 70, 1971.

BORGES, J. L. **Curso de Literatura Inglesa**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.

GARRETT, A. **Catão**. 3º edição. Portugal: Editora Portugália, 1922.

_____. **Folhas Caídas**. Lisboa: Editora Portugália, 1955.

MACHADO, Á. M. **O Romantismo na Poesia Portuguesa (de Garrett a Antero)**. Portugal: Editora Gráfica da Minerva do Comércio, 1979.

MASSAUD, M. **A Literatura Portuguesa**, São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

_____. **A Literatura Portuguesa através dos textos**. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.